



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

DEBORAH VASCONCELOS D'ALBUQUERQUE RIBEIRO

**Coeducação na Educação Física Escolar: diálogos com a obra
“Gênero e sexualidade no esporte, educação física e produção do
conhecimento em 40 anos de CBCE”**

RECIFE

2026

DEBORAH VASCONCELOS D'ALBUQUERQUE RIBEIRO

**Coeducação na Educação Física Escolar: diálogos com a obra
“Gênero e sexualidade no esporte, educação física e produção do
conhecimento em 40 anos de CBCE”**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de licenciada em
Educação Física pela Universidade Federal
Rural de Pernambuco- UFRPE. Orientadora
Prof^a. Dr^a. Maria Helena Câmara Lira**

RECIFE

2026

DEBORAH VASCONCELOS D'ALBUQUERQUE RIBEIRO

Aprovado em 30 de Junho de 2026.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Maria Helena Câmara Lira

Prof.

Prof^a. Andréa Carla de Paiva

Prof.

Prof^a. Fernanda Sardelich

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Suely Manzi – CRB-4 809

R484c Ribeiro, Deborah Vasconcelos D'Albuquerque.
Coeducação na educação física escolar : diálogos com a obra "Gênero e sexualidade no esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE" / Deborah Vasconcelos D'Albuquerque Ribeiro. - Recife, 2026.

45 f.; il.

Orientador(a): Maria Helena Câmara Lira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Educação Física, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Escola mista. 2. Educação física escolar. 3. Relações de gênero. 4. Sexualidade 5. Educação física - Estudo e ensino. I. Lira, Maria Helena Câmara, orient. II. Título

CDD 613.7

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à academia, como forma de contribuir para o avanço dos estudos envolvendo a temática. Dedico, em especial, às minhas avós Lenira Vasconcelos (*in memoriam*) e Lúcia Ribeiro (*in memoriam*), que se dedicaram e contribuíram com minha formação pessoal e acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Talvez este agradecimento não seja suficiente para expressar a dimensão da gratidão que carrego por todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória. Muitas delas foram fundamentais ao longo desse caminho, que não foi curto nem simples, e espero não ser injusta ao mencionar apenas algumas.

Esta conquista aconteceu no tempo em que a vida permitiu, e por isso tem um significado ainda mais especial. Primeiramente, dedico esta conclusão de curso a duas pessoas que, infelizmente, não puderam estar presentes para compartilhar este momento: minhas avós, Lenira e Lúcia. Sem vocês, nada disso seria possível. Carrego comigo a tristeza de não poder lhes entregar pessoalmente esta conquista, mas espero que, de alguma forma, ela também lhes pertença.

Dedico este trabalho ao meu pai e à minha mãe, que me proporcionaram não apenas uma formação acadêmica, mas também uma formação humana baseada em valores, respeito e dedicação. Esta conquista é uma pequena retribuição por tudo o que me ofereceram ao longo da vida. À minha irmã, que me concedeu um dos papéis mais importantes da minha vida: além de tia, a oportunidade de ser madrinha de Rael. Essa responsabilidade me inspira diariamente a buscar ser uma pessoa melhor.

A todos/as os/as professores e professoras que fizeram parte da minha formação desde a educação básica, oferecendo os alicerces necessários para a construção da minha trajetória acadêmica. Em especial, ao professor Luciano Paz, que ultrapassou os limites da sala de aula e se tornou um grande amigo, exemplo e mestre para a vida.

Às minhas tias Vera e Cristina, que sempre acreditaram no meu potencial, inclusive nos momentos em que eu mesma duvidei dele e quando muitas pessoas também duvidaram. O apoio de vocês foi essencial para que eu continuasse seguindo em frente. À tia Simone e ao tio Humberto, que se tornaram minha família de coração e que torcem por mim em cada passo, em cada conquista e em cada novo desafio.

Meu agradecimento mais profundo e especial é para minha companheira de vida, minha amiga e cúmplice, Bruna. Você segurou minha mão durante todo esse percurso

e esteve presente em momentos que ninguém mais viu: nos choros, nos risos, nas angústias, nas ansiedades e nas alegrias. Sua presença tornou os dias difíceis mais leves e as vitórias ainda mais significativas. Se hoje concluo esta etapa, é porque você caminhou ao meu lado em cada uma delas. A você e a Olívia, dedico não apenas este trabalho, mas tudo aquilo que houver de melhor em mim. Esta conquista é minha, mas também é da nossa família.

Por fim, agradeço à professora Maria Helena, que acreditou em mim quando o caminho parecia mais difícil. Sua confiança, incentivo e acolhimento foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Obrigada por acreditar que, apesar de todas as adversidades, eu seria capaz de concluir esta jornada. A todos vocês, meu amor, minha gratidão e o meu mais sincero obrigado. Esta conquista também pertence a cada um que, de alguma forma, acreditou em mim e caminhou ao meu lado.

RESUMO

Este estudo buscou investigar a relação entre os trabalhos sobre gênero e sexualidades reunidos no livro "Gênero e Sexualidade no Esporte e na Educação Física: Produção de Conhecimento em 40 Anos de CBCE" e os princípios da coeducação na Educação Física escolar. Realizada de forma qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e caráter descritivo, a análise temática focou nos dez capítulos da obra organizada por Wenez, Athayde e Lara (2020). O embasamento teórico veio das ideias de Valter Bracht, Guacira Lopes Louro, Daniela Auad, Luciano Corsino e Costa e Silva, pesquisadoras/es que abordam Educação, Educação Física, gênero, sexualidades e coeducação. A investigação levou à organização dos achados em três eixos temáticos: Gênero e Participação na Educação Física Escolar; Corpos, Identidades e Resistências; Representações de Gênero no Esporte e na Cultura Corporal. Os resultados mostraram que, mesmo sem menção direta da coeducação nos capítulos, os estudos se alinham bastante com seus princípios, especialmente no que toca à equidade de chances, ao respeito às distinções, à valorização da diversidade e ao combate às disparidades de gênero. Conclui-se que o conhecimento científico produzido pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte ajuda a edificar experiências de ensino mais abertas, democráticas e focadas na igualdade e equidade nas aulas de Educação Física escolar, fornecendo elementos para fortalecer abordagens coeducativas no ambiente educacional.

Palavras-chave: Coeducação; Educação Física Escolar; Relações de Gênero; Sexualidades.

ABSTRACT

This study sought to investigate the relationship between the works on gender and sexualities compiled in the book "Gender and Sexuality in Sport and Physical Education: Knowledge Production in 40 Years of CBCE" and the principles of coeducation in school Physical Education. Conducted qualitatively, based on bibliographic research and descriptive character, the thematic analysis focused on the ten chapters of the work organized by Wenez, Athayde and Lara (2020). The theoretical basis came from the ideas of Valter Bracht, Guacira Lopes Louro, Daniela Auad, Luciano Corsino and Costa e Silva, researchers who address Education, Physical Education, gender, sexualities and coeducation. The investigation led to the organization of the findings into three thematic axes: Gender and Participation in School Physical Education; Bodies, Identities and Resistances; Representations of Gender in Sport and Body Culture. The results showed that, even without direct mention of coeducation in the chapters, the studies align quite well with its principles, especially regarding equal opportunities, respect for differences, valuing diversity, and combating gender disparities. It is concluded that the scientific knowledge produced by the Brazilian College of Sports Sciences helps to build more open, democratic teaching experiences focused on equality and equity in school Physical Education classes, providing elements to strengthen coeducational approaches in the educational environment.

Keywords: Coeducation; School Physical Education; Gender Relations; Sexualities.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Capítulos do tema	32
<i>Relações de Gênero E Participação Na Educação Física Escolar.</i>	
QUADRO 2: Capítulos do tema	34
<i>Corpos, Identidade E Resistência.</i>	
QUADRO 3: Capítulos do tema	38
<i>Representações De Gênero No Esporte E Na Cultura Corporal.</i>	

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Sumário da Obra <i>Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento Em 40 Anos do CBCE. V.6 gênero e sexualidade no esporte e na educação física.</i>	21
FIGURA 2: Sumário da Obra <i>Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento Em 40 Anos do CBCE. V.6 gênero e sexualidade no esporte e na educação física (continuação)</i>	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2. METODOLOGIA	17
2.1 Caracterização da pesquisa	17
2.2 Contextualização do material de análise	18
2.2.1 O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)	19
2.3 Corpus de Análise	21
2.4 Procedimentos de Análise de Dados	23
3. APROXIMAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, RELAÇÕES DE GÊNERO, COEDUCAÇÃO	25
3.1 Aprofundando os debates sobre Relações de Gênero e Educação Física	27
4. DIÁLOGOS ENTRE A OBRA “GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM 40 ANOS DE CBCE” E OS PRINCÍPIOS DA COEDUCAÇÃO	31
4.1 Relações de Gênero na Educação Física Escolar	31
4.2 Corpos, identidades e resistências	34
5. CONCLUSÃO	41
6 Referências	44

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo focaliza as discussões entre estudos de gêneros e sexualidades na Educação Física brasileira e a coeducação na Educação Física Escolar. Para tanto, utiliza como material de análise a obra "Gênero e Sexualidade no Esporte e na Educação Física e Produção de Conhecimento em 40 Anos de CBCE", publicada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), e analisa como o conhecimento produzido nesta área pode ajudar a moldar uma prática pedagógica mais inclusiva e democrática, baseada na equidade de gênero dentro da escola.

Gêneros e sexualidades passaram a ocupar um lugar de destaque nas últimas décadas na ciência brasileira, inclusive na Educação e na Educação Física. Isso é impulsionado pelo conhecimento de como as relações sociais afetam a constituição da pessoa e como diferentes instituições (escolas, sociedade) estão envolvidas na construção de identidades, valores, comportamentos e participação social.

As pesquisas sobre relações de gênero questionam historicamente as explicações naturalizadas que anteriormente justificariam as desigualdades entre homens e mulheres, problematizando que muitas diferenças baseadas no sexo biológico são, na realidade, construções sociais e culturais criadas ao longo dos tempos.

A Educação Física foi um dos lugares onde meninas e meninos foram mais explicitamente separados/as no mundo escolar. Por muito tempo, as atividades físicas foram organizadas com a visão de que meninas e meninos teriam atividades atribuídas a cada sexo. Isso, por sua vez, levou à reprodução de estereótipos relacionados à masculinidade e ao comportamento feminino. Meninos e meninas vivenciaram e vivenciam diferentes atividades físicas e, assim, diferentes tipos de sentimentos, oportunidades e reconhecimentos no ambiente escolar.

Esse fato está ligado à história brasileira da educação e da Educação Física. A área foi fortemente influenciada por perspectivas higienistas, militaristas e biologicistas, sobretudo no século XIX, focando no corpo como meio de disciplinar, controlar e melhorar a saúde. Nesse contexto, as diferenças entre os sexos eram frequentemente justificadas por argumentos biológicos que eram considerados suficientes para reconciliar práticas, conteúdos e objetivos educacionais para meninos e meninas. (SOARES, 1994)

Mas, a partir das décadas de 1980 e 1990, a Educação Física brasileira estava em um estado de renovação teórica. Inspirada pelas Ciências Humanas e Sociais, a área começou a questionar suas antigas bases e abriu novas possibilidades para o ensino.

Como argumenta Bracht (2003), a Educação Física começou a entender as práticas corporais como manifestações culturais historicamente construídas e começou a defender o paradigma da cultura corporal. Essa mudança foi um marco para o campo e permitiu a inclusão de novas questões sociais no debate acadêmico e nos métodos pedagógicos de ensino no contexto escolar, configurando o que chamaremos aqui de Educação Física progressista, abordando bases teóricas críticas e pós-críticas.

A Educação Física também se beneficiou desse movimento de renovação e foi capaz de integrar questões sociais, culturais e políticas na prática corporal. Estudos de gêneros e sexualidades são alguns dos campos mais proeminentes que questionam o processo de exclusão, discriminação e desigualdade nos sistemas esportivos e educacionais.

Nesse sentido, muitos estudos analisam a participação das meninas nas aulas de Educação Física, as masculinidades e as feminilidades nos esportes, as relações entre corpo e identidade e os problemas enfrentados.

Guacira Lopes Louro (1997) foi crucial na consolidação deste campo de estudo na área da Educação. Ao conceituar gênero como uma construção social e histórica, a autora se afastou das diferenças biológicas e se aproximou das relações de poder que contribuem para as desigualdades de gênero entre homens e mulheres. Louro (1997) descreve as identidades de gênero como sendo construídas no contexto de práticas sociais, discursos e instituições, como as escolas, a partir de debates como: fabricação dos sujeitos, corpos escolarizados e a sutileza de mecanismos como a linguagem, os discursos, os silenciamentos e as identidades plurais.

Considerando essa linha de interpretação adotada por Guacira, a Educação Física não deve ser vista como um espaço neutro, mas sim considerada parte de um contexto social que determina o significado dos corpos, atos e identidades.

Estudos feministas de Daniela Auad (2006) e outras produções acadêmicas também contribuíram para ampliar o debate sobre gênero na educação, principalmente ao trazer o conceito de coeducação. Auad (2006) compreende a coeducação como uma ferramenta de proposta pedagógica que se compromete com

a elaboração de uma igualdade de gênero no âmbito escolar. Segundo a autora, a existência das escolas mistas, na qual meninos e meninas dividem o mesmo espaço, não significa que a relação será de igualdade. Porém, vale salientar que a escola mista faz parte de uma condição significativa para a coeducação, mas somente ela não é suficiente para efetivar essa prática, pois as desigualdades de gêneros podem ser reproduzidas em metodologias pedagógicas, organização dos espaços, incluindo as relações entre estudantes e atitudes docentes.

Para Auad (2006), a coeducação é fundamentada nos estudos sobre gêneros, pelos quais são consideradas as diferenças entre homens e mulheres, não limitadas a apenas fatores biológicos, mas também pela construção cultural e social, buscando impedir que elas sirvam de justificativa para uma exclusão, privilégios ou discriminações. Através da categoria gênero é possível identificar relações que vão além da rotina escolar, influenciando o comportamento de meninas e meninos na participação das atividades e construção de suas identidades

Os princípios apoiados pelo CBCE, dialogam com os debates propostos por Auad de forma direta, principalmente no que está relacionado ao comprometimento da construção de uma Educação Física mais democrática no enfrentamento das desigualdades e no acesso às práticas corporais. A obra *Gênero e sexualidade no esporte e na Educação Física: produção do conhecimento em 40 anos de CBCE* traz estudos que deixam evidentes que as relações de gêneros ultrapassam os muros das escolas e espaços esportivos e formativos, sendo influentes nas experiências corporais de meninos e meninas.

Dito isso, a coeducação defendida por Auad oferta uma base teórica significativa para interpretações das obras do CBCE, tendo em vista que se propõe intervenções pedagógicas de forma proposital, com o objetivo de superar os estereótipos ligados ao gênero. Vale ressaltar, que a obra não categoriza de maneira centralizada a coeducação, mas seus estudos apresentam a problematização das desigualdades de normas de feminilidade e masculinidade, além dos processos de exclusão presentes na Educação Física e nos esportes. Com isso, a conversação entre produções do CBCE e Auad permite entender que não há uma democratização na Educação Física escolar sem a implantação de práticas pedagógicas que transformem as desigualdades em reconhecimento

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), centro de investigação dessa pesquisa, foi fundado em 1978 e é uma das principais instituições científicas

no campo da Educação Física no Brasil e tem estado envolvido em debates, pesquisas e publicações sobre práticas corporais, esportes e educação (CBCE, 2024). A instituição é um ponto de referência na produção e comunicação da ciência e desenvolvimento do conhecimento científico, bem como visões críticas na Educação Física.

Estudos de gênero foram introduzidos no CBCE como parte da pesquisa sobre os temas na comunidade acadêmica nacional gradualmente. Um dos primeiros passos foi o estabelecimento do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Gênero e Sexualidade, tendo sua primeira gestão no ano de 2013, no qual pesquisadores e pesquisadoras de diferentes campos (pessoas/sexualidade, esporte, lazer e Educação Física) se reúnem para discutir gêneros, sexualidades e Educação Física.

O GTT Gênero e Sexualidade é um passo importante para a Educação Física brasileira porque fornece um fórum para o debate acadêmico sobre desigualdade de gênero, sexualidades, relações de poder e os processos de inclusão e exclusão nas práticas corporais. A existência deste GTT mostra que o esporte, a Educação Física, o lazer e outros aspectos da cultura corporal não são neutros, mas são influenciados por construções sociais que impactam quem participa e quem é valorizado na prática corporal. Entretanto, o debate sobre gênero e sexualidade no CBCE vem ocorrendo desde 2005, antes mesmo do GTT se formalizar.

O trabalho do grupo ajudou no desenvolvimento da produção científica sobre o tema e foi trazido para a vanguarda dos principais eventos e publicações nesta área. A partir dessa pesquisa, o livro "Gênero e Sexualidade no Esporte e na Educação Física e Produção de Conhecimento em 40 Anos de CBCE" foi publicado por Ileana Wenzel, Pedro Athayde e Larissa Lara no ano de 2020. Faz parte da coleção comemorativa dos quarenta anos de trabalho do CBCE e inclui obras de alguns/algumas dos/as autores/as que pesquisam relações de gênero, sexualidades e temas afins na Educação Física.

O propósito dessa produção é tornar o debate sobre gênero e sexualidade com mais visibilidade em virtude da Educação Física, do lazer e das práticas corporais e esportivas (WENZEL; ATHAYDE; LARA, 2020, p. 9). Portanto, a publicação é uma contribuição para a produção científica que se desenvolveu neste campo ao longo da vida do CBCE. Com sua pesquisa sobre participação feminina, formação de professores e professoras, interseccionalidade, estudos queer, masculinidades,

feminilidades e representações do corpo, destaca a multiplicidade de perspectivas no debate atual sobre gênero e sexualidade.

Além de apresentar resultados específicos de pesquisa, a publicação também nos ajuda a entender como essas discussões tornaram as práticas pedagógicas mais democráticas e para que discentes possam aprender a trabalhar na sala de aula de forma mais igualitária.

O trabalho é voltado para "vários quadros teóricos, múltiplos objetos de estudo e metodologias, bem como objetivos políticos críticos para uma sociedade democrática efetiva" (WENETZ; ATHAYDE; LARA, 2020, p. 9).

A coeducação, como apontam Costa e Silva (2002) e Auad (2006), baseia-se na construção de práticas educativas que respeitem as diferenças e abordem as desigualdades de gênero pelas próprias escolas. Portanto, não se trata apenas de compartilhar espaços, mas de construir relações mais equitativas entre pessoas e proporcionar experiências educativas que possam ser úteis aos indivíduos na comunidade.

Como a Educação Física Escolar é um espaço oportuno para a construção de relações sociais, é interessante investigar como os estudos de gêneros e sexualidades podem ajudar a desenvolver práticas coeducativas. Essa relação é ainda mais importante diante dos desafios que persistem na vida escolar, à medida que os estereótipos de gênero continuam a afetar a participação de estudantes, limitam as experiências corporais e contribuem para a continuidade das desigualdades.

Diante disso, surge o problema da pesquisa: como os estudos sobre relações de gênero e sexualidades, reunidos na obra "Gênero e Sexualidade no Esporte e na Educação Física, Produção de Conhecimento em 40 Anos de CBCE" dialogam com os princípios da coeducação na Educação Física Escolar? Dispondo como objetivo geral: Analisar as contribuições dos estudos sobre relações de gênero e sexualidades reunidos na obra "Gênero e sexualidade no Esporte e na Educação Física e Produção do conhecimento em 40 anos de CBCE" para a compreensão dos princípios da coeducação na Educação Física Escolar. E como objetivos específicos:

- Identificar e analisar aproximações entre a obra "Gênero e sexualidade no Esporte e na Educação Física e Produção do conhecimento em 40 anos de CBCE" e os princípios da coeducação;

- Analisar contribuições da produção do CBCE para práticas pedagógicas mais inclusivas;
- Refletir sobre os desafios e possibilidades da coeducação na Educação Física Escolar.

O interesse pela temática surgiu ao longo da trajetória acadêmica na Licenciatura em Educação Física. Discussões, debates e vivências dentro da Universidade, no ambiente escolar e experiências que me trouxeram questionamentos diante das práticas pedagógicas segregadoras ainda presentes na Educação Física. Levando em consideração a inquietação diante das questões de gênero e sexualidade que ainda permanecem na escola, na Educação Física e como isso influencia na formação crítica de sujeitos.

Nesse contexto, o estudo visa a coeducação como uma possibilidade de mudanças significativas para a área, propondo a formação de práticas pedagógicas comprometidas com o respeito às diferenças, a diversidade e com a promoção da participação de todos/as os/as estudantes que possam descobrir suas identidades com o direito de atuação em todas as práticas corporais sem a expectativa social de que essas práticas determinem quem serão. Dessa forma, a pesquisa contribui para o debate sobre a formação da cidadania e para a construção de ambientes escolares mais equitativos e democráticos.

Academicamente, a pesquisa busca contribuir para a ampliação das discussões sobre relações de gênero, sexualidades e coeducação no âmbito da Educação Física Escolar. Sabendo que esses debates ganharam espaço e difusão, ainda existe um caminho árduo diante das produções acadêmicas que possam contribuir ainda mais para a formação de uma Educação Física progressista.

2. METODOLOGIA

2.1 Caracterização da pesquisa.

A pesquisa é de natureza qualitativa e foi baseada em um estudo bibliográfico da obra "Gênero e Sexualidade no Esporte e na Educação Física e Produção de Conhecimento em 40 Anos de CBCE". A abordagem qualitativa é justificada pela questão do objeto, pois busca lançar luz sobre os significados, concepções e interpretações das relações de gênero na Educação Física. Como argumentou Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trata de significados, valores, crenças, atitudes

e relações humanas, exigindo, portanto, uma compreensão profunda dos fenômenos sociais.

No que diz respeito aos objetivos da pesquisa, trata-se de uma pesquisa descritiva, que visa identificar e interpretar os principais temas do trabalho examinado, descrevendo como as discussões sobre relações de gênero e sexualidades têm sido produzidas no campo da Educação Física. Como explicou Gil (2008), a pesquisa descritiva busca a observação, registro, análise e interpretação dos fenômenos, não apenas sobre como são vivenciados, mas também sobre como podemos analisá-los e interpretá-los no futuro.

A investigação é uma pesquisa bibliográfica que utiliza a análise descritiva temática. O objeto de análise da pesquisa bibliográfica é a obra "Gênero e Sexualidade no Esporte e na Educação Física e Produção de Conhecimento em 40 Anos de CBCE". Utilizando-se como base de referencial teórico autores e autoras que discutem Educação Física, relações de gênero, sexualidades e coeducação (Bracht 2003, Louro 1997, Auad 2006, Corsino e Auad 2012, e Costa e Silva 2002). Assim, a investigação visa interpretar os temas recorrentes na obra no que tange à Educação Física Escolar em consonâncias com a coeducação.

2.2 Contextualização do material de análise

O material de análise desta pesquisa consiste na obra "Gênero e Sexualidade no Esporte e na Educação Física" de Ileana Wenzel, Pedro Athayde e Larissa Lara, publicada em 2020 pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN), como Volume 6 da coleção "Ciências do Esporte, Educação Física e Produção de Conhecimento em 40 Anos de CBCE."

A publicação faz parte de uma série comemorativa do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), que foi estabelecido em 1978 e é reconhecido pela produção e disseminação de conhecimento em Educação Física e Ciências do Esporte. Dez capítulos por autores e autoras que trabalham com estudos de relações de gênero e sexualidades e perspectivas teóricas, metodológicas e políticas são apresentados no livro.

Na apresentação do volume é apontado que o propósito da obra é:

"Tornar visível o debate sobre gênero e sexualidade que permeia a educação física, o lazer e as práticas corporais e esportivas. Apresentar várias referências teóricas,

diferentes objetos de estudo e métodos e fazer algumas proposições políticas para uma sociedade verdadeiramente democrática.” (WENETZ, 2020).

Além disso, a organizadora enfatiza que o debate de gênero já vem se desenvolvendo de forma transversal no CBCE desde 2005, antes da fundação formal do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Gênero. Por três razões, esta obra foi escolhida como fonte documental. Primeiro, representa uma produção científica legitimada pelo principal corpo científico da Educação Física brasileira. Segundo, reúne a pesquisa de autores e autoras de referência em estudos de relações de gênero e sexualidades. Terceiro, porque a obra apresenta diferentes abordagens sobre o tema, será possível conectar os debates desenvolvidos aos princípios da coeducação na Educação Física Escolar.

2.2.1 O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é uma das principais instituições da área no país. Segundo Bracht (2003) o CBCE caracteriza-se como uma entidade da sociedade civil que, por meio de debates e atividades científicas compromete-se com a educação física e ciências do esporte, a fim de elaborar produções científicas comprometidas com os interesses sociais.

Durante esse período, pesquisadores/as e profissionais da área tentaram tornar a produção acadêmica nacional mais sólida e não apenas técnica, organizando estudos sobre os diversos aspectos relacionados ao corpo, esporte, lazer e atividades corporais. A criação do CBCE foi um passo importante nessa direção, pois permitiu que pesquisadores/as de várias partes do país se comunicassem e desenvolvessem uma produção científica mais sistemática. De acordo com a apresentação institucional, o CBCE é uma organização científica envolvida na produção, socialização e disseminação de conhecimento relacionado às Ciências do Esporte e à Educação Física.

Está baseado no desenvolvimento científico da área e na promoção de debates que contribuem para uma compreensão profunda das práticas corporais em múltiplas dimensões. Tem sido uma das instituições de referência nacional na área de Educação Física, esporte, lazer e cultura corporal. O CBCE é importante para o processo acadêmico e possui diferentes iniciativas acadêmicas, entre elas, o

Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) é considerado um dos principais eventos científicos na Educação Física brasileira.

Outro instrumento chave para a produção e circulação de conhecimento científico é a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), que está vinculada ao CBCE e é reconhecida nacionalmente por publicar pesquisas sobre diversos temas em Educação Física e Ciências do Esporte. A RBCE desempenha um papel crucial na disseminação da produção acadêmica brasileira. Além de congressos e publicações científicas, o CBCE também organiza sua estrutura de produção acadêmica por meio de Grupos de Trabalho Temáticos (GTTs).

Esses são espaços permanentes de discussão e pesquisa, reunindo pesquisadores/as interessados/as em temas específicos. Os GTTs facilitam a convergência de perspectivas teóricas e metodológicas para aprofundar a pesquisa e criar debates específicos sobre determinados tópicos. A criação dos GTTs é uma ótima maneira de construir a produção científica na área, permitindo que comunidades acadêmicas focadas em certos temas trabalhem juntas. Os grupos existentes se concentram em escolas, políticas públicas, formação profissional, lazer, corpo, mídia, inclusão, saúde e gênero. Essa variedade fala da expansão dos objetos de estudo em Educação Física e da complexidade das práticas corporais na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, o CBCE não apenas se envolveu com as mudanças que estavam acontecendo dentro da Educação Física brasileira, mas também desempenhou um papel no desenvolvimento dessas. A instituição fez avanços na área por meio de suas publicações, eventos científicos e grupos de pesquisa, legitimando tópicos que foram menos proeminentes na produção de conhecimento.

Questões relacionadas à participação das mulheres no esporte, masculinidades, sexualidades dissidentes, diversidade corporal e desigualdades de gênero gradualmente se tornaram parte da agenda de pesquisa de pesquisadores/as associados/as ao CBCE. Esses temas mostram como a instituição está trabalhando para entender a Educação Física de forma mais completa e criar uma abordagem pedagógica mais democrática e inclusiva. Reconhecendo que as práticas corporais estão sujeitas a relações de poder e diferentes formas de desigualdade, o CBCE está gerando conhecimento capaz de abordar a exclusão e a discriminação tanto no esporte quanto na escola.

2.3 Corpus de Análise

O material de análise é composto pelos dez capítulos da obra. Os textos abordam os temas de relações de gênero e sexualidades no esporte, Educação Física e prática corporal, entre outros. Nestes capítulos, discute-se gênero e formação de professores e professoras; a participação das meninas nas atividades esportivas escolares; o papel do esporte e o empoderamento; os processos de subjetivação e resistência; estudos de gênero; a pedagogia de gênero; masculinidades; mulheres e esporte; e o corpo nas redes sociais. O material analisado segue imagem do sumário da obra:

FIGURA 1: Sumário da Obra *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento Em 40 Anos do CBCE. V.6 gênero e sexualidade no esporte e na educação física.*

Sumário

Apresentação

Rastros para pensar o gênero e a sexualidade no esporte e na educação física.....7

Ileana Wenez

Capítulo 1

“Posso falar?” A profilaxia pedagógica e a desordem dos gêneros! Um estudo sobre os enfrentamentos produzidos no campo da educação física.....13

Aline Nicolino

Capítulo 2

A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer esportivo de meninas.....31

Simone Cecilia Fernandes

Helena Altmann

Capítulo 3

Gênero, educação física escolar e pedagogia do esporte: construindo processos educativos empoderadores.....47

Osmar Moreira de Souza Junior

Capítulo 4

Gênero e suas interseções nas experiências corporais: processos de subjetivação e resistência.....63

João Paulo Fernandes Soares

Ludmila Mourão

Capítulo 5

Caminhos teóricos, metodologias e proposições políticas para “caminhar” com gênero e sexualidade na educação física: alinhavos com os estudos *queer*.....77

Priscila Gomes Dornelles

FONTE: WENETZ; ATHAYDE; LARA, 2020.

FIGURA 2: Sumário da Obra *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento Em 40 Anos do CBCE. V.6 gênero e sexualidade no esporte e na educação física. (continuação)*

Capítulo 6	
Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia <i>queer</i>	91
<i>Fabiano Pries Deide</i>	
Capítulo 7	
Cavalcando no arco-íris: masculinidades fluidas no adestramento brasileiro..	107
<i>Jorge Knijnik</i>	
Capítulo 8	
Mulheres, cavalos, vidas cruzadas: domadxs, domesticadxs, selvagens?.....	123
<i>Miriam Adelman</i>	
Capítulo 9	
‘Nova’ política de produção da posição de mulheres como esportistas a partir de hashtags no Instagram.....	139
<i>Caterine de Moura Brachtvogel</i>	
<i>Maria Simone Vione Schwengber</i>	
Capítulo 10	
Explorando o Instagram das musas fitness: beleza, heteronormatividade e erotização.....	155
<i>Angelita Alice Jaeger</i>	
<i>Myllena Camargo de Oliveira</i>	
Sobre os Autores.....	171
Sobre os Organizadores.....	175

(continuação).

FONTE: WENETZ; ATHAYDE; LARA, 2020.

Devido a essa diversidade de tópicos no estudo, podemos observar a multiplicidade de formas como relações de gênero e sexualidades se relacionam no campo da Educação Física. Diferentes aspectos da obra são discutidos em cada capítulo, e todos foram vinculados ao mesmo tema: como as relações de gênero impactam a participação das mulheres na prática corporal e como essas relações são pesquisadas e abordadas pela ciência e métodos pedagógicos. Nesse sentido, os

capítulos foram utilizados como unidades de análise nesta pesquisa, investigados em termos da relação entre suas discussões e os princípios da coeducação.

2.4 Procedimentos de Análise de Dados

A análise de dados foi conduzida por meio da Análise Temática introduzida por Braun e Clarke (2006) e Souza (2019) como um método qualitativo para identificar, analisar, interpretar e relatar o significado embutido em dados qualitativos. A Análise Temática é uma ferramenta para organização de dados e identificação dos temas relevantes para atender às necessidades da pesquisa que a autora (Souza, 2019) utiliza em pesquisa qualitativa.

Essa abordagem é flexível e adequada para analisar documentos acadêmicos. Segundo Souza (2019), a Análise Temática pode ser utilizada em pesquisa qualitativa, tanto em abordagens quantitativas quanto qualitativas, onde podemos detalhar e interpretar os fenômenos em detalhe. Com base em Braun e Clarke (2006), o processo de análise foi desenvolvido em seis etapas:

- **Familiarização com os dados**

Nesta etapa, foi realizada uma leitura completa da obra, o que permitiu um exame profundo do material. Ao mesmo tempo, notas e registros preliminares foram escritos sobre os temas mais recorrentes.

- **Geração de códigos iniciais**

Após a leitura, trechos, conceitos e discussões considerados relevantes para os objetivos da pesquisa foram extraídos. Estes foram organizados em códigos iniciais que se tornaram unidades básicas para análise.

- **Busca por Temas**

Os códigos produzidos foram agrupados de acordo com suas semelhanças conceituais e temáticas. Esta etapa permitiu identificar padrões recorrentes nos capítulos que analisamos.

- **Revisão dos Temas**

Os agrupamentos construídos foram revisados e reorganizados para garantir coerência interna e diferenciação entre os temas identificados.

- **Definição e Nomeação dos Temas**

Após a revisão, os temas foram definidos e nomeados de acordo com o conteúdo central e sua relevância para responder à questão de pesquisa.

A organização das categorias temáticas ocorreu a partir da aproximação, recorrência e convergência dos assuntos/códigos identificados nos capítulos analisados.

Vale salientar que o agrupamento desses códigos gerou uma congruência entre capítulos do livro, logo, articulamos os capítulos com códigos semelhantes para, a partir daí, definirmos os temas. Identificamos, com isso, três temas para serem analisados na obra, dois deles articulando três capítulos e um articulando quatro capítulos.

Com base nesse processo, os capítulos 1, 2 e 3 da obra estudada foram agrupados no tema **“Relações de Gênero e Educação Física Escolar”**, por abordarem questões relacionadas às desigualdades de gênero, à participação de meninas e meninos nas práticas corporais e às possibilidades de promoção da igualdade de oportunidades no contexto escolar.

Os capítulos 4, 5 e 6 compuseram a construção temática **“Corpos, Identidades e Resistências”**, uma vez que discutem processos de subjetivação, sexualidade, interseccionalidade e experiências de resistência frente às normas de gênero que citam também o ambiente escolar.

Por sua vez, os capítulos 7, 8, 9 e 10 foram reunidos na descrição temática **“Representações de Gênero no Esporte e na Cultura Corporal”**, por contemplarem análises sobre masculinidades, feminilidades, representações corporais e suas manifestações em diferentes contextos esportivos e midiáticos.

Dessa forma, a construção dos temas possibilitou uma análise sistematizada dos conteúdos da obra, permitindo compreender suas contribuições para o debate sobre gênero e sexualidade e suas aproximações com os princípios da coeducação na Educação Física Escolar.

● **Produção da Análise**

Na etapa final, os temas identificados foram interpretados à luz do referencial teórico construído ao longo da pesquisa, especialmente com base nas contribuições de Bracht (2003), Louro (1997), Auad, Corsino (2018) e Costa e Silva (2002).

3. APROXIMAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, RELAÇÕES DE GÊNERO, COEDUCAÇÃO

Neste capítulo traremos o referencial teórico explicitando como as relações de gênero podem atravessar as discussões e práticas pedagógicas, a partir da apresentação do que compreendemos ser a finalidade da escola e da Educação Física.

Com base em Bracht (2003), Louro (1997), Auad e Corsino (2018), e Costa e Silva (2002), pode-se analisar que as experiências dos/as estudantes não são neutras, mas são influenciadas de acordo com construções sociais, culturais e históricas que moldam sua participação, reconhecimento e pertencimento na educação. Logo, essas são as autoras e os autores que sustentam as interpretações deste estudo.

As reflexões de Bracht (2003) permitem ver a Educação Física como uma prática pedagógica focada na tematização da cultura corporal. Quando o autor vai além das perspectivas biológicas e técnicas, a Educação Física pode fazer parte de toda uma cultura corporal que é crítica para a formação de estudantes; os corpos como produções culturais e significados sociais. Esta compreensão adequa mais espaço para ação e debates sobre diversidade, inclusão e desigualdades sociais.

Brach considera esta área com o dever de defender uma pedagogia preocupada com o desenvolvimento crítico dos indivíduos. A Educação Física, portanto, é aquela prática pedagógica que lida/tematiza as manifestações de nossa cultura corporal, a qual busca se basear no conhecimento científico (BRACHT, 2003, p. 30).

Outro ponto de consideração deste autor é a de que “o esporte se impôs na Educação Física como conteúdo e como o próprio significado da Educação Física” (BRACHT, 2003, p. 22), e isso não é uma rejeição do esporte como conteúdo escolar, mas uma questão sobre sua predominância. Se o esporte é privilegiado ou dominante nas aulas, pode se tornar a base para um processo de reprodução de modelos competitivos, seletivos e excludentes na Educação Física. E nas escolas, isso é mais relevante, pois o esporte de desempenho é uma manifestação de desigualdades entre estudantes.

Essa lógica é especialmente importante na esfera das relações de gênero, pois alguns esportes foram uma vez considerados masculinos e outros femininos. A

filosofia progressista da Educação Física, por outro lado, defende o exercício pedagógico para a democratização das práticas corporais, todos/as discentes tendo acesso às diferentes manifestações da cultura corporal (gênero, habilidades motoras, condição física, classe social, etnia e orientação sexual).

Neste ponto, a Educação Física não é mais vista apenas como um lugar para o desenvolvimento físico, mas em questão de relações sociais em suas várias expressões corporais.

É importante reconhecer, portanto, que as diferenças entre meninos e meninas não vêm apenas da biologia, mas das formas como a sociedade tem diferentes definições do que é ter corpos e do que é experimentar o mundo sensível. Os trabalhos de Louro (1997) reforçam esse entendimento e mostram que o gênero é uma construção social que há muito tempo é produto de instituições e modos de vida como no passado, logo, devem ser vistos de forma diferente através da educação e de como os corpos dos sujeitos são percebidos.

Louro, mostra que as identidades masculinas e femininas não são naturais, mas são construídas por meio do aprendizado e da socialização para definir as expectativas, comportamentos e oportunidades dos indivíduos no mundo educacional e cultural. A perspectiva de Louro sobre a escola como um local através do qual ocorre a produção de identidade contribui para o entendimento sobre as experiências de discentes nas aulas de Educação Física, inclusive.

Práticas pedagógicas, conteúdos escolhidos, práticas sistematizadas e interação entre professores/as e estudantes desempenham um papel importante na construção das representações de masculinidades e feminilidades, e ao mesmo tempo na reprodução e transformação das desigualdades de gênero. A partir da análise de Auad e Corsino (2018) sobre o cotidiano na Educação Física Escolar, a autora e o autor podem ver que as desigualdades nas práticas corporais não podem ser entendidas isoladamente e precisam ser consideradas em conjunto com outros marcadores sociais como etnia, classe e sexualidade.

O Aprendizado da Separação, cunhado por Daniela Auad, mostra como a escola forma fronteiras simbólicas entre meninos e meninas ao ensinar que certas atividades, esportes e comportamentos são de um sexo ou identidade ainda não definida. Essas experiências moldam o envolvimento dos sujeitos e levam à normalização das desigualdades nas experiências físicas das meninas. Com tais

desigualdades ainda presentes, Auad e Corsino enfatizam novamente a importância de práticas pedagógicas que também visam promover a democratização das relações escolares.

A coeducação, nesse contexto, defende o princípio da igualdade de oportunidades e respeito pelas diferenças como algo intencional na prática pedagógica. É claro que coeducar estudantes de sexos e gêneros diferentes não significa que todos/as sejam iguais. A coeducação é uma questão de educação democrática que destaca a diversidade, respeitando e promovendo oportunidades e mirando na equidade de gênero.

Ao defender oportunidades iguais e não negar a desigualdade existente entre as pessoas, estamos em relação direta com a visão progressista da Educação Física defendida por Bracht, com a compreensão de relações de gênero que Louro desenvolveu e com as análises das desigualdades escolares delineadas por Auad e Corsino.

A partir dessas aproximações, podemos dizer que a Educação Física Escolar é um espaço privilegiado para construir práticas pedagógicas baseadas na inclusão, diversidade e equidade de gênero, usando a coeducação como ferramenta e princípio.

3.1 Aprofundando os debates sobre Relações de Gênero e Educação Física

De acordo com Louro (1997), o gênero assumiu um papel central das discussões e pesquisas sobre educação brasileira a partir da difusão dos estudos acerca do movimento feminista, e é um componente chave do conhecimento que se tem sobre as relações sociais na escola. É necessário desafiar explicações naturalizadas que há muito tempo são utilizadas para explicar as desigualdades sociais entre homens e mulheres como causa das diferenças biológicas com a percepção que esse debate é relevante.

Nesse sentido, os estudos de gênero nos oferecem uma maneira de entender que as divisões sociais entre homens e mulheres são construções culturais, históricas e políticas, e são formadas por instituições e práticas sociais. Há, portanto, uma diferença significativa em relação ao pensamento determinista que associa comportamentos, habilidades e traços pessoais ao sexo biológico. Louro mostra que

as identidades de gênero não são naturais ou imutáveis, mas foram formadas em um contexto social através das relações sociais.

Assim, o gênero pode ser visto como um conjunto analítico de parâmetros que nos permitem investigar como as sociedades constroem expectativas, valores e normas sobre indivíduos. Essas construções influenciam como homens e mulheres são percebidos/as, educados/as e colocados/as em diferentes situações sociais. Assim, a desigualdade entre os gêneros não é inerentemente um produto da biologia, mas sim o produto da diferenciação e hierarquia histórica.

Os estudos feministas mudaram o foco das diferenças biológicas para as relações sociais, e por essa razão, para entender as desigualdades, precisa-se estar ciente das estruturas sociais que produzem, reproduzem as relações de poder e como elas se tornam parte do mundo social. Louro observa que o objetivo é “mover o debate para o campo social porque é dessa forma que as relações desiguais entre sujeitos são construídas e reproduzidas.”

Esse entendimento é especialmente relevante para o estudo porque pode ser usado para analisar as relações de gênero na Educação Física Escolar não como resultado da diferença biológica entre meninos e meninas, mas como construções sociais que moldam as atividades físicas dos/as estudantes.

Entendendo o gênero como uma construção social, é possível questionar discursos que justificam a menor participação feminina em certos esportes ou a dominância masculina em algumas atividades físicas. Ao atribuir tais diferenças a capacidades biológicas, os estudos de gênero examinam os processos educacionais, culturais e sociais que levam a tais disparidades.

Essa perspectiva abre uma ampla janela para as relações de gênero e considera a variedade de experiências vividas pelas pessoas. Louro contribui para a ideia de que o gênero não é uma categoria única, mas também faz parte da classe social, etnia, sexualidade e geração. No campo educacional, esse ponto de vista é crucial. Se a identidade é socialmente construída e mutável, a escola não é mais apenas um lugar de transmissão de conhecimento, mas um lugar onde as pessoas podem formar suas identidades, valores e comportamentos.

Assim, o trabalho de Louro mostra que a desigualdade de gênero no ambiente escolar não é um produto dos/as estudantes, mas é o resultado da história e cultura e gênero nas escolas. Essa é uma importante base teórica para entender tanto as

relações de gênero na educação física escolar quanto às discussões geradas pelos estudos que foram reunidos no CBCE.

Trazendo Daniela Auad e Luciano Corsino para a discussão, percebemos que ambos argumentam que as discussões de gênero na Educação Física são complexas e devem considerar a natureza das relações sociais que permeiam a vida escolar.

Auad e Corsino (2018) apontam que os estudos de gênero devem levar em conta que as experiências das pessoas são moldadas simultaneamente por diferentes marcadores sociais, como etnia, classe social, sexualidade e geração. Não é possível entender a desigualdade de gênero na Educação Física Escolar se apenas homens e mulheres estiverem envolvidos. Também precisamos entender que as pessoas ocupam diferentes posições na estrutura social e que suas posições afetam sua capacidade de participar e serem reconhecidas. Isso está próximo da interseccionalidade, uma noção usada pelos feminismos contemporâneos para explicar como diferentes tipos de opressão se expressam e geram experiências de maneira diferente para certos grupos sociais.

Essa perspectiva adiciona uma dimensão extra à Educação Física escolar e facilita para Auad e Corsino pensarem nos/as alunos/as não apenas como meninos ou meninas, mas também como indivíduos em um grupo diverso e como a desigualdade influencia seus corpos. Isso é especialmente importante, já que a Educação Física faz parte do currículo e tem um lugar central nele. As aulas incluem exposição física (ser visto/a e avaliado/a), comparação de desempenho, demonstrações de habilidades e atividades em grupo.

Como resultado, as desigualdades sociais tornam-se mais visíveis e podem ter um grande efeito sobre como discentes se relacionam com o comportamento corporal. Auad e Corsino (2018) afirmam que a Educação Física contribuiu para a perpetuação de relações de gênero desiguais. Os meninos nas escolas são privilegiados em atividades esportivas, recebem mais atenção dos/as professores/as e se envolvem em atividades ligadas à força, competitividade e desempenho físico.

As meninas são frequentemente invisíveis, subvalorizadas ou excluídas. Auad e Corsino apontam que pesquisas na área já identificaram a persistência da sub-representação feminina nos contextos esportivos e educacionais. Portanto, apenas o fato de as meninas estarem nas aulas não implica que existam boas condições para participação e reconhecimento. E os/as estudantes muitas vezes permanecem em posições secundárias, constrangidos/as por expectativas sociais baseadas em

gênero. Nesse sentido, a crítica trazida pela autora e pelo autor não se limita à identificação das desigualdades. Seu objetivo é entender os mecanismos que criam e mantêm essas diferenças para que práticas pedagógicas sejam desenvolvidas para mudá-las: construir práticas pedagógicas dedicadas à sua transformação.

A contribuição mais importante de Daniela Auad para esse debate é o conceito de **Aprendizagem da Separação**. A aprendizagem da separação ocorre quando a escola coloca atividades, jogos ou práticas esportivas de forma diferente para meninos e meninas, e reforça a ideia de que existem comportamentos, interesses e habilidades naturalmente associados a um sexo e não ao outro. São práticas como um todo e tornam a desigualdade de gênero naturalizada.

No contexto da Educação Física Escolar, isso se manifesta de várias maneiras, como a separação de equipes por sexo, a atribuição de esportes específicos para meninos e meninas, a valorização diferente de certas habilidades corporais e a reprodução de estereótipos relacionados ao desempenho físico. À medida que indivíduos envelhecem, desenvolverão identidades de gênero e seu senso de capacidades corporais.

Costa e Silva (2002) defendem a coeducação como um conceito pedagógico para promover oportunidades iguais para meninas e meninos na escola em geral. Coeducação não é apenas reunir estudantes de diferentes sexos no mesmo espaço, mas criar abordagens pedagógicas que abordem oportunidades iguais, reconheçam a diversidade e respeitem as diferenças. Estudantes estão sendo ensinados sobre coeducação e, à medida que trabalham coletivamente, estão aprendendo, então a coeducação é a ideia para toda a sociedade.

Dessa maneira, elencamos que a coeducação pode ser entendida como uma estratégia de intervenção pedagógica voltada para a promoção da equidade nas relações escolares defendendo os seguintes princípios:

- igualdade de oportunidades;
- valorização da diversidade;
- respeito às diferenças;
- participação democrática;
- enfrentamento das desigualdades de gênero.

Isso significa reconhecer a diversidade das pessoas, dar mais oportunidades de participação e criar condições para que todos/as os/as estudantes tenham acesso

a diferentes conhecimentos sobre a cultura corporal. Auad e Corsino, enfatizam que as questões de gênero não marginais ao currículo. Na verdade, são elementos fundamentais para a construção de uma Educação Física que trata de cidadania, inclusão e direitos humanos. Ignorar essas questões significa perpetuar as práticas diferenciais atuais e manter as desigualdades estruturais existentes.

Daniela Auad e Luciano Corsino (2018), contribuem para essa perspectiva ao mostrar que as desigualdades de gênero na Educação Física Escolar não são práticas facilmente corrigidas; elas são herdadas do passado e de processos sociais e culturais que afetam os alunos. A proposta da coeducação mostra como a escola participa da produção de diferenças e reforça a necessidade de estratégias educacionais para promover relações mais democráticas.

4. DIÁLOGOS ENTRE A OBRA “GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM 40 ANOS DE CBCE” E OS PRINCÍPIOS DA COEDUCAÇÃO

O presente capítulo tem como objetivo realizar a análise de dados desta pesquisa a partir da descrição e interpretação dos temas encontrados na obra estudada:

1. *Relações de Gênero E Participação Na Educação Física Escolar;*
2. *Corpos, Identidade E Resistência;*
3. *Representações De Gênero No Esporte E Na Cultura Corporal.*

4.1 Relações de Gênero na Educação Física Escolar.

A primeira categoria temática identificada no trabalho foi "Gênero e Sexualidade no Esporte e na Educação Física", relacionada à participação de meninas e meninos na Educação Física e esportiva, especialmente no contexto escolar. Este tema é explorado nos capítulos um de Nicolino (2020), capítulo dois Fernandes & Altmann (2020) e capítulo três Souza Junior (2020), que discutem como as relações de gênero afetam as experiências de aprendizagem dos/das estudantes nas aulas de Educação Física. Abaixo segue quadro com títulos do tema:

QUADRO 1: Capítulos do tema *Relações de Gênero E Participação Na Educação Física Escolar*.

Capítulo	Autores/as	Principais discussões
“Posso falar?” A profilaxia pedagógica e a desordem dos gêneros! Um estudo sobre os enfrentamentos produzidos no campo da Educação Física	Aline Nicolino	Analisa os ataques às discussões de gênero e sexualidade na educação e defende sua inserção na formação docente e na Educação Física Escolar.
A educação esportiva e gênero na escola pública: posicionamento docente positivo diante do fazer esportivo de meninas	Simone Cecília Fernandes e Helena Altmann	Investiga o incentivo à participação das meninas nas práticas esportivas e a superação de estereótipos de gênero.
Gênero, educação física escolar e pedagogia do esporte: construindo processos educativos empoderadores	Osmar Moreira de Souza Junior	Discute estratégias pedagógicas voltadas ao empoderamento de meninas e à democratização das relações de gênero.

FONTE: WENETZ; ATHAYDE; LARA, 2020.

Como Wenetz (2020) explica na introdução do trabalho, os textos coletados focam na interseção de gênero, sexualidade e Educação Física, e essas categorias não desempenham um papel secundário, mas são centrais para a produção de experiências corporais.

O primeiro aspecto é a desigualdade de gênero que ainda impacta as aulas de Educação Física. Como escreve Aline Nicolino em seu capítulo, os desafios das discussões de gênero nas escolas ainda são altos em termos do crescimento do pensamento conservador e da necessidade de diminuí-los. Quando o debate de gênero não é apresentado na formação docente, argumenta a autora, a prática pedagógica por parte dos/as professores/as continua a perpetuar desigualdades de gênero e a lacuna entre meninos e meninas na sala de aula.

Essa discussão comunica-se diretamente com Louro (1997), ao destacar que a escola não apenas reproduz desigualdades sociais, mas participa ativamente da construção de identidades de gênero. Quando certas atividades físicas são associadas a um sexo específico, é produzido um processo de naturalização das diferenças que limita as experiências dos/as estudantes.

Outro aspecto importante é o estudo de Fernandes e Altmann (2020) sobre esportes coletivos para meninas em escolas públicas. A presença dos/as professores/as é fundamental para a participação das meninas nas atividades esportivas, e segundo, os/as autores/as, é a posição do/a professor/a que desempenha esse papel. Professores e professoras que apoiam e respeitam a prática esportiva feminina no ensino estão envolvidos na aprendizagem.

Esses achados conversam com as perspectivas de Auad e Corsino (2012), que vê a escola como um espaço para a construção de diferenças de gênero. Para a autora e o autor, práticas pedagógicas baseadas em oportunidades iguais são cruciais para superar o chamado processo de aprendizagem da separação ou "aprendendo a ser diferente", que meninos e meninas aprendem quando estão aprendendo a desempenhar certos papéis e participar de certas atividades.

O terceiro aspecto nesta categoria é o texto de Souza Junior sobre gênero e pedagogia esportiva. O autor mostra que experiências esportivas organizadas com base em princípios democráticos podem contribuir para o empoderamento feminino e para a construção de masculinidades e feminilidades em oposição aos modelos hegemônicos de esportes. Nesse sentido, o esporte deixa de ser visto como um lugar de desempenho e competição, mas como uma atividade educativa voltada para a formação social dos indivíduos.

A análise demonstra que todos os estudos examinados indicam a importância do papel dos/as professores/as na construção de espaços mais inclusivos. As experiências das meninas mostram que sua participação nas aulas não é apenas uma questão de estarem no ambiente escolar, na sala de aula, ou na quadra de esportes, mas também se há estratégias pedagógicas para proporcionar oportunidades iguais e valorizar suas experiências corporais.

Além disso, os estudos analisados estão geralmente muito próximos da teoria da coeducação. Embora os/as autores/as não usem essa ideia diretamente em seus estudos, eles apontam abordagens pedagógicas para a cooperação, respeito às diferenças e enfrentamento da desigualdade de gênero. A produção científica do CBCE pode ter um impacto significativo na Educação Física voltada para a coeducação, desafiando formas tradicionais de organizar as aulas, contribuindo com a democratização do conhecimento da cultura corporal.

Os estudos analisados evidenciam que as relações de gênero influenciam

diretamente a participação de estudantes nas aulas de Educação Física. As pesquisas demonstram que a atuação docente, a organização dos conteúdos e o enfrentamento dos estereótipos de gênero constituem elementos fundamentais para a construção de experiências educacionais mais democráticas. Nesse sentido, os textos dialogam de maneira significativa com os princípios da coeducação ao defenderem igualdade de oportunidades, valorização da diversidade e participação efetiva de meninas e meninos nas práticas corporais.

Além disso, apresentam vínculo direto com o ambiente escolar, abordando questões como currículo, práticas pedagógicas, participação das meninas nas aulas e estratégias de enfrentamento das desigualdades de gênero. Sendo assim, dialogam diretamente com os princípios da coeducação, porém, não apresentam a coeducação como categoria de análise e atuação no âmbito escolar.

4.2 Corpos, identidades e resistências

A segunda categoria temática mencionada na obra refere-se a corpos, identidades e resistências. Este tema é explorado nos seguintes capítulos:

QUADRO 2: Capítulos do tema *Corpos, Identidade E Resistência*.

Capítulo	Autores/as	Principais discussões
Gênero e suas interseções nas experiências corporais: processos de subjetivação e resistência	João Paulo Fernandes Soares e Ludmila Mourão	Analisa gênero, raça, classe e geração nas experiências corporais e nos processos de resistência.
Caminhos teóricos, metodologias e proposições políticas para “caminhar” com gênero e sexualidade na educação física: alinhavos com os estudos queer	Priscila Gomes Dornelles	Apresenta os estudos queer como ferramenta para questionar normas de gênero e sexualidade.
Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer	Fabiano Pries Devide	Defende uma pedagogia comprometida com o enfrentamento da exclusão e da heteronormatividade.

FONTE: WENETZ; ATHAYDE; LARA, 2020.

Os capítulos deste tema abordam assuntos como: sexualidade, subjetividade, interseccionalidade, estudos *queer* e resistência às normas de gênero que estão inseridas na prática corporal, esportiva e educacional.

Conforme mencionado pelos/as organizadores/as da obra, o livro destaca a discussão sobre gênero e sexualidades na Educação Física, esportes e práticas corporais, incorporando diferentes modelos teóricos e metodológicos que possibilitam a análise da diversidade de experiências vividas pelas pessoas (WENETZ; ATHAYDE; LARA, 2020). Assim, os capítulos analisados ajudam a compreender as múltiplas formas como relações de gênero e sexualidades afetam a criação de identidades e experiências corporais.

Um dos principais aspectos dos textos é a compreensão do corpo como uma construção social, histórica e cultural. Afastando-se de noções biologicistas, os/as autores/as mostram como o significado dos corpos é formado através das relações sociais e das estruturas de poder na sociedade. Essa visão se relaciona diretamente com Louro (1997), que afirma: "As identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas por relações sociais"

Sob essa perspectiva, os corpos deixam de ser apenas realidades biológicas e passam a ser locais de significados, identidades e disputas simbólicas. Os capítulos analisados mostram que as experiências corporais são regidas por normas sociais que determinam, por exemplo, quais comportamentos, expressões e identidades são aceitáveis ou desejáveis.

Os estudos mostram que para aqueles que não se encaixam nas categorias hegemônicas de masculinidade e feminilidade, a exclusão, a invisibilidade e a discriminação são comuns nos espaços esportivos e educacionais. Essas experiências mostram que as práticas corporais não são neutras, mas são de fato locais de relações de poder que são sempre produzidas e negociadas.

Dessa forma, os estudos *queer*¹ apresentados na obra desafiam concepções normativas sobre gênero e sexualidades. Os/as autores/as destacam que, ao problematizar categorias rígidas e binárias, podemos ver que existem diferentes tipos de experiências humanas. E isso é crucial para essa perspectiva e para o

¹ A Teoria *Queer* é uma vertente teórica e política que surgiu no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, principalmente nos Estados Unidos. Ela estuda o gênero e a sexualidade contestando a ideia de que o comportamento humano e as identidades sexuais são fixos, naturais ou biológicos. (BUTLER, 2003)

entendimento de que as identidades não são fixas ou naturais, mas socialmente construídas ao longo da vida.

Louro (1997) contribui para essa perspectiva, afirmando que as identidades são produzidas continuamente em diferentes espaços sociais. Sob essa perspectiva, a escola e a Educação Física não podem ser consideradas espaços neutros, pela sua função social de construir ativamente significados relacionados ao corpo, gênero e sexualidades.

Os capítulos examinados também demonstram a interseccionalidade como chave para entender a desigualdade social. Os/as autores/as mostram que não apenas o gênero determina as experiências das pessoas, mas também a cor de pele, classe social, orientação sexual, geração e território. Assim, as desigualdades se manifestam de diferentes formas e criam diferentes experiências para diferentes grupos sociais.

Com essa discussão, podemos olhar para os desafios das pessoas historicamente marginalizadas e observar que as experiências corporais não são todas iguais. Ao mesmo tempo, é visto que elas criam estratégias de resistência para esquivar as normas e padrões socialmente impostos.

A resistência é apresentada como um tema importante de análise nos capítulos. Os/as autores/as mostram que, embora os corpos estejam sujeitos a diferentes mecanismos de controle e regulação, as pessoas não se limitam a aceitar essas normas. Pelo contrário, desenvolvem formas de confrontar, ressignificar e contestar as expectativas sociais relacionadas ao gênero e à sexualidade.

Essas experiências de resistência também se manifestam de diferentes maneiras, seja através da ocupação de espaços anteriormente negados, da construção de identidades ou da reivindicação do direito à diversidade nas práticas corporais e esportivas. Nesse sentido, os capítulos também mostram que o corpo pode ser um espaço de transformação social e política.

Os textos evidenciam que a discussão de gênero e sexualidade é mais do que a denúncia das desigualdades. Eles sugerem reflexões que podem ajudar a construir um modelo pedagógico inclusivo que reconheça toda a diversidade humana.

Do ponto de vista da Educação Física Escolar, esses estudos podem contribuir, fazendo as devidas transposições para o ambiente de ensino formal, pois reafirmam a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a diferença e a variedade de experiências corporais. Ao questionar normas e dar visibilidade a grupos

historicamente excluídos, os/as autores/as contribuem para uma Educação Física inclusiva e orientada para a justiça social.

Essas reflexões conectam-se indiretamente com o conceito de coeducação. Embora apenas um capítulo discuta diretamente a ideia, indiretamente, todos os outros capítulos dialogam com a coeducação. Sua abordagem é defender uma educação baseada no respeito às diferenças, na compreensão da diversidade e na igualdade de oportunidades. Como observam Costa e Silva (2002), a coeducação implica a construção de relações educacionais que abordem as desigualdades e promovam experiências democráticas para todos os indivíduos.

Assim, os estudos nesta subseção mostram que alcançar a igualdade e/ou equidade na Educação Física não depende de homogeneizar estudantes, mas sim de reconhecer suas diferenças e proporcionar-lhes as condições adequadas para serem incluídos. Ao desafiar estereótipos de gênero e tornar mais visíveis as identidades marginalizadas, esses capítulos contribuem para a criação de práticas pedagógicas alinhadas com a coeducação.

Em resumo, a análise desta categoria temática mostra que os debates sobre corpos, identidades e resistências são elementos fundamentais para entender as relações entre gênero, sexualidades e Educação Física escolar. Os estudos mostram que valorizar a diversidade e reconhecer as múltiplas formas de existência são condições essenciais para construir ambientes educacionais mais inclusivos e democráticos, comprometidos com a transformação social.

Embora não tenham a escola como objeto central, discutem processos de subjetivação, formação de identidades, pedagogias e perspectivas teóricas que contribuem para a compreensão das relações de gênero e sexualidades no contexto educacional, estabelecem conversa com os princípios da coeducação, mas não a apresentam como uma prática pedagógica sistematizada.

4.3 Representações de gênero no esporte e na cultura corporal

A Terceira categoria temática identificada na análise do livro inclui estudos que examinam as representações sociais de gênero com base no esporte e na cultura corporal. Este tema é explorado nos capítulos:

QUADRO 3: Capítulos do tema *Representações De Gênero No Esporte E Na Cultura Corporal*.

Capítulo	Autores/as	Principais discussões
Cavalgando no arco-íris: masculinidades fluidas no adestramento brasileiro	Jorge Knijnik	Analisa formas alternativas de construção das masculinidades no esporte.
Mulheres, cavalos, vidas cruzadas: domadxs, domesticadxs, selvagens?	Miriam Adelman	Discute representações femininas, empoderamento e tensões de gênero nas práticas equestres.
‘Nova’ política de produção da posição de mulheres como esportistas a partir de hashtags no Instagram	Caterine de Moura Brachtvogel e Maria Simone Vione Schwengber	Analisa a visibilidade de mulheres esportistas nas redes sociais.
Explorando o Instagram das musas fitness: beleza, heteronormatividade e erotização	Angelita Alice Jaeger e Myllena Camargo de Oliveira	Examina discursos sobre feminilidade, beleza e sexualidade nas redes sociais.

FONTE: WENETZ; ATHAYDE; LARA, 2020.

Este tema abrange masculinidades, feminilidades, participação das mulheres no esporte e representações corporais produzidas pela mídia e redes sociais digitais.

O esporte e as práticas corporais são espaços importantes para a produção de concepções e significados sobre os corpos. Os esportes estão associados a atributos masculinos ou femininos ao longo da história, que ajudam a estabelecer expectativas sociais sobre os comportamentos, habilidades e papéis de homens e mulheres. O volume nos mostra que os estudos não são representativos apenas das desigualdades de gênero que foram naturalizadas no esporte e na Educação Física no passado.

Um dos pontos-chaves dos capítulos estudados é a construção das masculinidades nos esportes. Historicamente, o esporte tem sido um domínio privilegiado no qual os homens podem expressar sua masculinidade através da força física, competitividade, agressividade e força corporal, e essas características têm sido percebidas como qualidades desejáveis nos homens, construindo, por sua vez, uma masculinidade hegemônica que permanece no esporte e na Educação Física Escolar.

Na ausência dessas qualidades, aqueles que não atendem ao padrão muitas vezes são excluídos, discriminados e invisibilizados. A partir dos capítulos, constatamos que as masculinidades não são uma realidade homogênea. Existem diferentes maneiras de ser homem e de vivenciar o corpo masculino; as práticas esportivas podem tanto reforçar modelos tradicionais de masculinidade quanto proporcionar experiências alternativas para questionar as normas hegemônicas.

Outro tema nesta categoria é a representação de gênero nos esportes. As mulheres foram tradicionalmente condicionadas a acreditar que os esportes eram masculinos e a participação feminina era inviabilizada para que nunca tivessem sucesso. A visão mundial sobre as mulheres é, claro, de que elas não são capazes de participar de atividades esportivas e que podem ter algum sucesso no esporte.

Também é demonstrado nos capítulos que, embora tenhamos feito algum progresso nos últimos vinte anos no campo dos esportes, as desigualdades na cobertura da mídia, investimento financeiro, atenção pública e reconhecimento social entre homens e mulheres ainda são muito reais. Os fatores biológicos que determinam o valor social de alguém não são suas características biológicas, mas os discursos e representações sobre elas. Assim, as desigualdades nos esportes refletem relações de poder que não se limitam ao próprio esporte, mas estão enraizadas em estruturas sociais mais amplas da sociedade.

Outro aspecto que abordado nos capítulos é o papel da mídia e das redes sociais na criação de representações corporais. Em outras palavras, os/as autores/as mostram que os espaços digitais são lugares centrais para a circulação de discursos sobre gênero, corpo e sexualidades, e esses discursos influenciam a representação que as pessoas têm de si mesmas e das outras. A mídia e as redes sociais ajudam a aumentar a visibilidade de alguns corpos tidos como ideais e estilos de vida, e podem promover padrões estéticos mais excludentes.

Com isso, homens e mulheres estão constantemente vendo esses modelos de corpo idealizados neste mundo em que vivemos, onde o corpo idealizado é como um modelo de sucesso, beleza e reconhecimento social de si mesmo perante a sociedade. E, de fato, eles servem para reforçar estereótipos de gênero, corpo e sexualidades. Mas, em geral, os autores também afirmam que as redes sociais podem ser espaços de resistência, assim como grupos de pessoas que desafiaram padrões culturais e rejeitaram a discriminação e, em vez disso, mostraram suas ideias

alternativas de representação corporal.

Nesse sentido, os espaços digitais podem se tornar espaços de disputa simbólica onde gênero e corpo diferem e coexistem. Em geral, os capítulos analisados mostram que as representações de gênero estão muito claramente presentes no esporte e na prática esportiva. Esses são os aspectos que moldam as formas como os corpos são valorizados, que tipos de comportamento são apropriados e quais pessoas são reconhecidas na vida social. E essas representações afetam a maneira de se envolver no esporte e de fazer parte da sociedade.

Uma das principais contribuições dos capítulos analisados é mostrar que as desigualdades de gênero não são apenas sobre a exclusão de pessoas dos esportes, mas sobre a representação, que faz diferença nas coisas que conhecemos e experimentamos. Elas produzem significados, constroem identidades e moldam como homens e mulheres são percebidos/as socialmente. A partir daí entram as representações de gênero e como podemos identificar as manutenções invisíveis de reprodução da desigualdade.

Os capítulos também mostram que a transformação social não é apenas sobre expandir o acesso às práticas corporais, mas também sobre avaliar os discursos e imagens que sustentam posições sociais. Democratizar os esportes e a Educação Física precisa ver diferentes formas de as pessoas viverem o corpo, o gênero e as sexualidades. Ao relacionar essas discussões à coeducação, vemos que os estudos analisados contribuem para nossa compreensão da pedagogia e para a defesa de estilos pedagógicos que derrubam estereótipos e melhoram a participação.

A coeducação implica que as escolas devem ser organizadas para reconhecer e valorizar a diversidade das pessoas, e isso também é verdade para as reflexões dos/as autores/as. Portanto, mesmo que o capítulo não discuta a coeducação no contexto da coeducação de forma fundamental, ele fornece uma base para a construção de uma Educação Física aberta à diversidade, para a igualdade de oportunidades, para o respeito às diferenças e para a eliminação da discriminação nas representações de gênero.

Ao examinar essas representações, os/as autores/as estão contribuindo para a compreensão das desigualdades na cultura corporal contemporânea e das formas como a diversidade pode ser repensada. Assim, os capítulos se aproximam indiretamente dos princípios da coeducação por meio de práticas sociais e

pedagógicas que constroem e desafiam estereótipos do passado e como eles ainda estão presentes, porém, desloca o foco da escola para outros espaços sociais. Nela, os autores/as analisam as representações de masculinidades e feminilidades em modalidades esportivas específicas e nas mídias digitais, especialmente o Instagram. Apesar de não abordarem diretamente a Educação Física Escolar, esses capítulos contribuem para compreender como os significados atribuídos aos corpos, ao gênero e as sexualidades, são produzidos e disseminados socialmente, influenciando também os contextos educativos, porém não apresenta a coeducação como uma proposta prática.

5. CONCLUSÃO

As três categorias temáticas do estudo trazem um aspecto relevante que se dá a partir da ausência da coeducação como centro temático, onde apenas uma categoria temática apresenta a escola em seus debates. Mesmo que os estudos dialoguem indiretamente com princípios coeducativos como às desigualdades de gênero, à participação, à diversidade sexual, às identidades e às representações corporais.

Os autores e as autoras não tratam a coeducação diretamente nos dez capítulos analisados, assim como não apresentam uma prática pedagógica anunciadamente fundamentada na coeducação. Sendo relevante explicitar que a coeducação se apresenta no ambiente escolar e na sistematização de práticas e intencionalidades pedagógicas.

Dessa forma, o diálogo entre a obra e os princípios da coeducação não ocorreu de maneira clara e direta, mas construído a partir do esforço analítico realizado nesta pesquisa. Por meio da metodologia, realizando leitura sistemática dos capítulos, identificando os códigos/assuntos e formando as categorias temáticas, estabelecendo a conversação com o referencial teórico Bracht (2003), Louro (1997) e Corsino e Auad (2012) e Costa e Silva (2002), se tornou possível identificar as aproximações entre as discussões trazidas na obra “Gênero e sexualidade no esporte e na educação física: produção do conhecimento em 40 anos de CBCE” com as possibilidades coeducativas.

Os capítulos oferecem base para prática coeducativa por apresentarem debates sobre desigualdade de gênero, equidade, diversidade, difundindo os temas de

inclusão e igualdade. Porém, a articulação entre os debates apresentados na obra e a proposta de coeducação foi uma realização desta pesquisa que se deu por uma interpretação teórica diante do material de análise do referencial adotado.

Sendo assim, revela-se a necessidade e importância de produções científicas do CBCE sobre gênero e sexualidades, mas aponta para uma problemática ainda presente em nossa área: a necessidade de estudos que dialoguem diretamente com gênero, sexualidades e **coeducação** na Educação Física escolar, pois compreendemos que essa perspectiva leva a sistematização e planejamento dos debates dessa natureza na escola.

Logo, um dos principais resultados deste trabalho foi a conclusão de que não há uma centralização da coeducação na obra analisada. Por mais que vários capítulos exponham discussões que se aproximam dos princípios coeducativos, a conceituação dos mesmos não estão expostos de maneira clara como uma categoria analítica realizada pelos autores e autoras, muito menos é construída uma proposta pedagógica sistêmica para a Educação Física escolar. Ainda assim, os estudos trazem contribuições indiscutíveis para a Educação Física.

Dito isto, constatou-se uma aproximação da obra com a coeducação de forma indireta e não imediata, mas sendo construída conforme o percurso analítico produzido nesta pesquisa. Sendo assim, os princípios de igualdade de oportunidades, participação democrática, respeito às diferenças e o enfrentamento das desigualdades de gênero foram encontrados de forma transversal.

Outro aspecto que chamou a atenção, foi o fato de que somente uma parte dos capítulos tem como foco a Educação Física escolar. Entretanto, dos dez capítulos verificados, seis referem-se à formação docente e processos educativos, construindo uma ligação mais efetiva com a escola, enquanto os outros possuem foco nas representações de gênero, contexto esportivo específicos e nas representações de gêneros produzidas pelas mídias digitais. Isso mostra um alinhamento dos estudos de gênero na área da Educação Física alinhados à educação. Diante disso, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o diálogo entre gênero, sexualidade e coeducação, fortalecendo a construção de uma Educação Física Escolar mais democrática e inclusiva.

Concluo que, a partir da presente pesquisa, compreendo a coeducação como uma ferramenta pedagógica que imprime intencionalidade às práticas da Educação Física

escolar, orientando-as para a transformação das desigualdades. Nessa perspectiva, a prática corporal é concebida como um direito de todos e todas, independentemente de seus corpos, identidades, gêneros e sexualidades. Assim, a Educação Física escolar reafirma seu potencial como um componente curricular comprometido com a valorização da diversidade, a promoção da equidade e a construção de um ensino democrático.

6 Referências

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano Nascimento. **Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018.

BRACHT, Valter. **Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Using thematic analysis in psychology**. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CBCE – **COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**. Institucional. Disponível em: <<https://cbce.org.br>>. Acesso em: 26 de Abril de 2026.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUZA, Luciana Karine de. **Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a análise temática**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019.

WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (org.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física: produção do conhecimento em 40 anos de CBCE**. Natal: EDUFRN, 2020.